

---

# **Atividades grupais com a linguagem no envelhecer**

**Ana Paula Reimann**

Graduanda em Fonoaudiologia pela USP/BAURU

**Giselle Massi**

Fonoaudióloga. Mestre e Doutora em Linguística pela UFPR

Professora da graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

---

---

## Resumo

O aumento rápido e contínuo da longevidade humana vem convocando a sociedade a rever seus projetos socioeconômicos, políticos, culturais e científicos. Nesse contexto, tendo em vista que o envelhecimento ativo depende da efetiva inserção dos sujeitos que envelhecem em espaços sociais, entendemos que a fonoaudiologia pode contribuir com a execução de atividades e de pesquisas que ressaltem o estabelecimento de trocas permanentes entre os idosos e seus respectivos grupos sociais. Assim, a presente pesquisa objetiva verificar o papel que as práticas mediadas pelas modalidades oral e escrita da linguagem assumem para um grupo de idosos com mais de 60 anos, frequentadores da Oficina da Linguagem oferecida na Unidade de Saúde Ouvidor Pardinho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa organizada a partir de produções discursivas elaboradas pelos integrantes idosos do referido grupo sobre os sentidos que atribuem ao trabalho que realizaram com as modalidades oral e escrita da linguagem. Os resultados indicam que atividades significativas com a oralidade, com a leitura e com a escrita proporcionam-lhes mais confiança e liberdade para falar, ler e escrever. Eles afirmaram que desenvolveram auto-estima e respeito próprio, passando a encarar o envelhecer de forma mais positiva. Nesse sentido, entendemos que políticas públicas comprometidas com a inserção dos sujeitos idosos na sociedade atual, incentivem ações que, privilegiando atividades com a linguagem, sejam capazes de promover um envelhecimento ativo e, portanto, com integração social.

**Palavras-chave:** Linguagem. Envelhecimento Ativo. Fonoaudiologia.

## Abstract

The continuous and rapid increase of human longevity comes calling society to review its socioeconomic, political, cultural and scientific projects. In satisfaction, given that active aging depends on the effective integration of the subjects they age in social spaces, we understand that speech can contribute to the implementation of activities and research that underscore the establishment of permanent exchanges between the elderly and their respective social groups. Thus, this research aims to verify the role that practices mediated by oral and written language to take a group of people over 60 years goes Language Workshop offered at the Health Unit Ouvidor Pardinho. This is a qualitative research organized from discursive productions prepared by elderly members of the group about the meanings they attach to their work with the oral and written language. The results indicate that significant activities with orality, with reading and writing provide them more confidence and freedom to speak, read and write. They said they have developed self-esteem and self-respect, going to face the aging more positively. Accordingly, we believe that public policy committed to the inclusion of the elderly in our society, encourage actions, favoring activities with the language, are capable of promoting active aging and thus to social integration.

**Keywords:** Language. Active Ageing. Speech.

---

---

## Introdução

Estamos vivendo, em âmbito mundial, um intenso e contínuo processo no aumento da longevidade humana. No Brasil, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2010), a expectativa de vida chegou aos 73 anos de idade, em 2009, devendo ultrapassar os 80 anos, em 2025, quando o nosso país, de acordo com as estimativas mais conservadoras, vai se configurar como o sexto país mais velho do planeta (Veras, 2009). E os números não param de crescer. De acordo com dados estatísticos apresentados pelo próprio IBGE, em 2050, a população brasileira deverá contar com aproximadamente 30% de idosos.

Convém esclarecer que, para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), é considerada idosa qualquer pessoa que tenha mais de 60 anos e que resida em países pobres ou emergentes. Já, nos países mais ricos, é reconhecida como idosa toda pessoa que tenha mais de 65 anos. Nesse contexto, convém explicitar que a própria OMS (2002) assume que tomar uma

---

pessoa como idosa em função apenas de sua idade cronológica só é possível a partir de um ponto de vista restritivo. Segundo Cabral (2008), independentemente da idade que apresenta, cada pessoa permanece social e intelectualmente ativa. Segundo o autor, atividades sociais vinculadas ao processo de envelhecimento, além de integrar pessoas de diferentes gerações, são necessárias para que o idoso não se isole, desenvolvendo noções depreciativas sobre si mesmo.

Para dar conta de uma abordagem que assuma o envelhecimento como processo que vai além de relações que vinculam de forma simplista a velhice e doenças ou perdas biológicas, a OMS (2002) propõe que o envelhecimento seja tomado como um processo ativo. A partir dessa perspectiva, indica a necessidade de políticas e programas serem desenvolvidos por todas as nações, para que pessoas de todas as idades, inclusive o idoso, sejam capazes de participar continuamente da comunidade em que estão inseridas. Ou seja, a OMS assume o envelhecimento como processo, por meio do qual, cada idosa e cada idoso seja reconhecido como contribuinte e beneficiário do contexto social em que está inserido, por meio do estabelecimento de relações com crianças, adolescentes e adultos.

Em nosso país, o artigo 230 da Constituição de 1988 assume que o Estado, a sociedade e a família devem amparar pessoas idosas, assegurando sua

participação na sociedade e comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. (BRASIL, 1988). E, com base nessa Constituição, foram desenvolvidos a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Conforme a Política Nacional do Idoso (decreto n. 1.948 – 1996), “a pessoa idosa deve ter assegurado seus direitos sociais, a partir de políticas que criem condições de promover sua autonomia, integração e participação ativa na sociedade”. (BRASIL, 1996, p.42).

De acordo com o Estatuto do Idoso brasileiro (lei n.10.741 – 2003, art. 3), “é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”. (BRASIL, 2003, p.5).

Na esteira dessa legislação, foi criada também a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006). Tal política esclarece que quando o envelhecimento é aceito como conquista, o aproveitamento das experiências de pessoas idosas é assumido como possibilidade para o desenvolvimento de sociedades educadas e integradas. Nessa direção, assume que a saúde da pessoa idosa deve ser concebida, em caráter intersetorial, a partir de ações que vinculem

a saúde à políticas educacionais. Pois, a educação continuada é imprescindível para o desenvolvimento da qualidade de vida e da ampliação das condições de saúde dos idosos.

Nesse ponto, convém reconhecer que as políticas públicas voltadas a população de idosos brasileiros estão, em tese, bem desenvolvidas. Contudo, elas permanecem no papel e estão absolutamente distanciadas da realidade em que vivemos. Em outras palavras, a garantia dos direitos sociais e da promoção de políticas públicas que oportunizem condições de o idoso participar ativamente da nossa sociedade, de acordo com a concepção do envelhecimento ativo e a partir de conceitos pautados na promoção da saúde permanecem em um campo conceitual. Na prática, nossos idosos não contam com os direitos “conquistados” na legislação nacional explicitados no Estatuto do Idoso e nas Políticas nacionais voltadas às pessoas idosas. Tampouco aproximam-se de propostas internacionais, como o projeto de envelhecimento ativo desenvolvido pela OMS (2002).

Além da dificuldade de acesso as direitos propostos em nossa legislação, existem valores sócio-culturais que não vislumbram efetiva participação do idoso na sua família e na comunidade na qual ele vive. Mercadante (1996: pg. 75), refere que: “na nossa sociedade, ser velho significa, na maioria das vezes, estar

excluído de vários lugares sociais. Um desses lugares, densamente valorizado, é aquele relativo ao mundo produtivo, o mundo do trabalho”. Devido a uma visão equivocada e preconceituosa da nossa sociedade, a população idosa é considerada frágil, improdutiva e custosa aos cofres públicos. Consequentemente, aderindo a essa visão negativa, muitos idosos percebem-se ultrapassados e infrutíferos. Assim, eles isolam-se e deixam de exercer várias atividades, tais como: passear, contar histórias de vida, expor opiniões, estudar, interagir com os outros. Pois, ao resignarem-se a uma noção de fragilidade e improdutividade, eles assumem uma postura retraída enfrentando, durante o processo de envelhecimento, uma série de dificuldades adaptativas e emocionais. Conforme Lourenço e Massi (2011), é possível acompanhar, a partir de relatos de vários idosos, sentimentos negativos em torno da velhice. Como se, nessa fase da vida, não houvesse mais espaço para eles.

Entretanto, Lourenço e Massi (2011), a velhice não é um período caracterizado só por perdas e limitações. Precisamos considerar que, se o envelhecimento para grande maioria das pessoas significa declínio e incapacidade, o sujeito e a cultura podem criar, por meio da elaboração de novas produções discursivas, condições de progresso e desenvolvimento para os cidadãos que envelhecem.

Nesse sentido, ressaltamos o papel que a Fonoaudiologia pode assumir nesse contexto. Assumindo uma perspectiva na qual a integração da pessoa idosa colabora para um envelhecimento ativo e saudável, entendemos que pesquisas e práticas fonoaudiológicas fundamentadas na linguagem assumem papel preponderante para o processo de envelhecimento e para a própria velhice. A produção e a compreensão de textos orais e escritos são fundamentais para que haja integração entre os sujeitos de todas as idades na sociedade letrada em que vivemos. Para Bakhtin (2003), a linguagem é uma atividade social e histórica. E é por meio dessa atividade que nos constituímos enquanto sujeitos, no decorrer de toda nossa vida, revendo nossos papéis sociais e nossa posição no mundo. O ser humano se constitui em cenários discursivos, em função de atividades dialógicas que colocam cada um de nós em relação com outros. Seguindo a perspectiva bakhtiniana, podemos entender a linguagem como dialógica, uma vez que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno da interação verbal, sendo através dessa interação que se dá ao sujeito um lugar no mundo social. Dessa forma, a linguagem é concebida como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo e, portanto, uma prática que se dá na relação interpessoal.

Nessa direção, conforme Soares (2004), o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem num contexto social é chamado de letramento. O letramento é considerado o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais vinculadas à escrita. A própria autora cita que o letramento está intimamente ligado à maneira como a leitura e a escritura são concebidas e praticadas em determinados contextos e grupos sociais.

Nessa direção, Zimmermann (2000) refere que o ser humano somente existe em função de seus interrelacionamentos grupais. Para esse autor, o indivíduo é um ser gregário e, durante seu desenvolvimento, passa por diferentes grupos: família, amigos, escola, trabalho, entre outros. Conforme Pichon-Rivière (1998: pg 234), grupo operativo refere-se a: “todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe explícita ou implicitamente a cumprir uma tarefa que constitui sua finalidade”. A tarefa explícita envolve um trabalho e um objetivo organizados claramente pelo grupo. Já, a tarefa implícita, implica acontecimentos que envolvem o grupo, tais como discussões, contradições, dificuldades, busca de soluções para os problemas enfrentados, as quais se tornam possíveis por meio da interação dos sujeitos, que assumem papéis a partir de

suas próprias maneiras de ser e de se relacionar com os outros.

De acordo com Motta (2008), o grupo operativo implica a possibilidade do sujeito modificar-se ao mesmo tempo em que modifica o meio, sendo o sujeito um agente de mudança. O vínculo, estabelecido pelos seus integrantes, e os objetivos que buscam atingir em conjunto são fatores fundamentais para o surgimento e a manutenção do grupo. Pois, o vínculo caracteriza-se pela representação subjetiva que cada um tem sobre si próprio e sobre os outros, sendo construída por meio da interação constituída pelos seus integrantes. Já, os objetivos delineiam a trajetória que o grupo percorre para realização dos mesmos.

## Metodologia

O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Tuiuti do Paraná sob o número 102/2008. A população dessa pesquisa constituiu-se por um grupo de 12 sujeitos, com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, todos participantes da Oficina da Linguagem da Unidade de Saúde da Praça Ouvidor Pardinho, que tem sua atenção voltada especificamente para o atendimento de pessoas idosas. O grupo se encontrou nesse local, semanalmente, às terças-feiras das 14:30 às 16:00 horas,

no período de março a novembro de 2008. Inicialmente, nos primeiros encontros, os participantes trabalharam para escolher a temática sobre a qual voltariam sua atenção durante todo o ano de 2008. Dentre várias opções apresentadas, o grupo escolheu discutir, ler e escrever sobre o envelhecer. Assim, durante todo o primeiro semestre, os idosos discutiram oralmente sobre os significados que davam aos envelhecimento a partir das vivências deles próprios. Além disso, foram realizadas leituras de textos de vários gêneros discursivos – notícias, crônicas, poesias, letras de música - sobre o processo de envelhecimento, a partir das quais cada idoso, em função das interpretações dadas aos textos lidos, podia se reconhecer como autor das próprias leituras.

Depois, já no segundo semestre, os idosos do grupo escreveram, individualmente, textos sobre o próprio processo de envelhecimento, com o intuito de publicar um livro retratando esse assunto. Cada um escrevia seu texto e trazia para que todos os participantes fizessem questões, esclarecessem dúvidas, apontassem sugestões que envolviam aspectos ortográficos, gramaticais e textuais. Depois da intervenção do grupo, cada integrante reelaborava seu texto e, assim, o trabalho foi se constituindo de forma conjunta. Até que o trabalho do grupo foi concluído com a organização do livro intitulado “Envelhecer é...”, que foi publicado no dia

17/04/2009. Esse livro é composto por vários capítulos e cada capítulo corresponde a um relato autobiográfico que foi escrito por um dos idosos que integrou o grupo da Oficina da Linguagem, em 2008.

Com o propósito de verificar o papel que as atividades de interação mediadas pela linguagem assumiu para cada integrante, depois do desenvolvimento dessa atividade prática com o grupo, foi aplicado um questionário contendo 8 questões abertas junto aos seus participantes. Com esse questionário, buscamos coletar informações sobre os efeitos que a fala, que a leitura e que a escrita geraram nos sujeitos idosos, bem como nos seus próprios processos de envelhecimento. Nesse sentido, cabe esclarecer que todos os sujeitos assinaram termos de consentimento livre e esclarecido. E após a coleta dos dados, foi realizada a análise das respostas dadas ao questionário.

Esse estudo tem caráter qualitativo. Conforme Moreira e Caleffe (2006), a pesquisa qualitativa busca explicar as atividades sociais de um determinado grupo e descrever significados que são socialmente construídos, explorando as características dos indivíduos. Assim, além de compreender o significado que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social, a pesquisa qualitativa permite também analisar como elas compreendem esse mundo vivido. Segundo Minayo (2007), a abordagem qualitativa

é particularmente valiosa, pois permite descobrir e entender o significado de eventos, práticas sociais, percepções e ações dos sujeitos.

## Resultados e Discussão

Dentre os 12 sujeitos participantes da pesquisa, oito eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino. A idade deles variou entre 60 e 85 anos. Em relação à escolaridade, um idoso relatou não ter estudado, três afirmaram ter completado o ensino fundamental, um referiu ter cursado o ensino fundamental de forma incompleta, seis declararam contar com o ensino médio e apenas um idoso afirmou ter concluído o ensino superior. Em relação aos afazeres diários, eles relataram fazer atividades de pintura, bordado, crochê, exercícios físicos, práticas de leitura e escrita, bem como atividades domésticas. Além dessas atividades, três deles citaram participar de trabalhos voluntários.

Com relação ao trabalho oral desenvolvido na Oficina da Linguagem, no ano de 2008, os idosos afirmaram que falar sobre o envelhecimento e ouvir a opinião dos outros proporcionou-lhes mais confiança, mais segurança, menos timidez, maior gosto pela conversa, melhor possibilidade de organizar sua fala e maior liberdade para falar com e para os outros. A partir desses enunciados que apareceram recorrentemente



nas respostas que os idosos deram ao questionário, é possível afirmar que, para os sujeitos da pesquisa, as atividades linguístico-discursivas desenvolvidas no grupo influenciou positivamente a relação deles com as próprias produções orais.

Nesse sentido, ressaltamos que é por meio da sua participação em grupos que o idoso tem a possibilidade de construir novos laços de relação e novas formas de compartilhar seu aprendizado e sua história de vida com outros sujeitos (Souza Filho e Massi, 2011). Propor rodas de conversa em um grupo permite mudanças para cada um de seus participantes, pois o grupo é um lugar onde pessoas buscam se encontrar para alcançar uma meta em comum. Nesse lugar, cada sujeito vai, gradualmente, estabelecendo vínculos com os demais integrantes. E, assim, em função do objetivo almejado pelo grupo, seus integrantes sentem necessidade de trocar experiências, de falar, ouvir, defender pontos de vista, contrapor opiniões. Afinal, ninguém frequenta um grupo por acaso, alguma questão a pessoa tem para ser trabalhada, revista, ressignificada.

As atividades grupais viabilizam espaços para que as várias vozes que participam dos encontros grupais produzem ressonâncias (Zimmermann, 2000). Os enunciados produzidos por um membro do grupo convocam os demais membros a elaborar outros enunciados. Cada palavra produzida por um

sujeito espera uma contra-palavra de seu ouvinte e essa convocação mútua estabelecida entre quem fala e quem ouve cria situações interlocutivas capazes de desestabilizar posições cristalizadas, ampliar conhecimentos sobre assuntos debatidos, promover reflexões, levando os participantes do diálogo a novas tomadas de posições. Assim, no contexto da Oficina da Linguagem, cada participante pode construir mudanças e ressignificações a respeito da própria oralidade, por meio do que foi dito pelo outro.

Além da relação estabelecida com a própria oralidade, a partir das discussões estabelecidas na Oficina da Linguagem, o resultado da nossa pesquisa indica que as discussões orais influenciaram a visão do grupo acerca do processo de envelhecimento, pois os sujeitos afirmaram que passaram a encarar o próprio envelhecer de forma mais positiva. Eles afirmaram que a partir das rodas de conversa estabelecidas na Oficina da Linguagem passaram a pensar no envelhecer a partir de perdas e ganhos, afastando-se da noção de o idoso não tem serventia. A integração que estabeleceram com os outros sujeitos do grupo, segundo eles, fez com que apresentassem uma maneira de pensar mais benéfica sobre esse processo, uma melhor compreensão sobre o envelhecimento, bem como de novas maneiras de trabalhar subjetivamente o processo de envelhecimento.

Como já afirmado anteriormente, a linguagem é constitutiva do sujeito, ou seja, é por meio de trocas permeadas pela linguagem, que os sujeitos vão se colocando e alterando suas posições no mundo. Para Franchi (1992), a linguagem é um processo criador em que organizamos e informamos as nossas experiências. A importância das discussões orais sobre o processo de envelhecimento foi confirmada pelos sujeitos da pesquisa. Para Freitas (1997, pg. 320), a interação com o outro no meio social tem um papel fundamental, pois: “...sem ele (o outro) o homem não mergulha no mundo sócio, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim, não se constitui como sujeito”. E a Oficina da Linguagem permitiu que os idosos que dela participaram ressignificassem o próprio envelhecimento, através das relações estabelecidas entre eles, confirmando o que Bakhtin (2003) nos aponta sobre o fato de as palavras enunciadas em dado contexto social se constituírem como uma ponte entre seus interlocutores. E é por meio dessa ponte que cada idoso pode construir novos caminhos para o próprio envelhecimento, com o reconhecimento de que são contribuintes sociais.

Sobre a influência da leitura no processo de envelhecimento, os idosos relataram que se sentiram à vontade em ler textos na Oficina da linguagem, pois

os assuntos retratados nos textos sobre o processo de envelhecimento eram de interesse geral. Esses idosos também declararam que os textos eram bons, que quando liam entendiam mais sobre o assunto, que gostavam de ler e se sentiam bem participando das atividades de leitura.

No que se refere à influência da escrita no processo de envelhecimento, os idosos referiram que se sentiram à vontade em escrever textos sobre o envelhecer com o grupo, pois recebem incentivo do grupo e porque por meio da escrita puderam deixar registrado algo sobre o próprio envelhecimento que pode contribuir com outras pessoas. Segundo eles, a possibilidade de escrever parte de suas histórias de vida aumentou-lhes a auto-estima e fez com que se percebessem mais respeitados na comunidade em que estão inseridos.

A leitura e a escrita fazem parte do nosso dia-a-dia, pois por meio dessas atividades nós estamos inseridos no mundo. E, pelos resultados dessa pesquisa, os sujeitos que dela participaram evidenciaram que, em função da leitura e da escrita, puderam entender um pouco mais sobre o que é envelhecer e a partir daí discorrer sobre o que pensam desse processo, o que esperam dele, o que vivenciam. Conforme Rotavva (1999), ler não é simplesmente recepção do sentido do texto e escrever não é somente dispor palavras de acordo com as regras de uma determinada língua. Antes disso, ler e escrever são atividades que envolvem um processo de produção de

significados. Bohn e Souza (2003) afirmam que o sujeito se descobre a cada momento, lendo ou escrevendo. Essas modalidades de linguagem ampliam a visão de mundo dos sujeitos de uma dada sociedade, consolidando uma percepção crítica acerca de tantas crenças, valores e posições políticas. Dessa forma, entendemos que ler e escrever sobre o próprio envelhecer pode ampliar a visão do idoso acerca dessa vivência, desfazendo preconceitos e viabilizando uma velhice mais digna, autônoma e saudável, sobretudo, pelo fato de estarem inseridos em um mundo letrado, conforme Soares (2004).

Sobre as diferenças percebidas entre oralidade e escrita, sete idosos afirmaram perceber essas diferenças. Desses sete idosos, seis relataram que possuem mais facilidade para falar, e uma idosa relatou que sente mais facilidade para escrever. Os que relataram possuir mais facilidade para falar afirmaram que escrever dá trabalho, necessita de atenção, que a escrita exige mais tempo para refletir e empenho gramatical para expor as ideias. Conforme afirmado anteriormente, apenas uma idosa relatou sentir mais facilidade para escrever, pois afirmou que, como possui Parkinson, se sente mal ao falar, pelo fato de sua voz ser fraca, necessitando fazer esforço para que os outros a escutem.

Nesse ponto cabe esclarecer, ainda que de forma breve, que a doença de Parkinson geralmente ocorre em pessoas que tem entre 50 e 60 anos, caracterizando-se

como um distúrbio neurológico progressivo, causado pela degeneração das células situadas em uma região do cérebro chamada substância negra. Estas células produzem a dopamina, substância fundamental para o controle dos movimentos. A falta ou a diminuição da dopamina afeta os movimentos do corpo e causa tremor, lentidão, rigidez muscular, desequilíbrio, podendo alterar a produção da fala, pela diminuição dos movimentos dos músculos envolvidos na respiração e na articulação dos sons. De qualquer maneira, nossa pesquisa confirma a importância da escrita como modalidade de linguagem, que dá lugar ao sujeito, inserindo-o nas questões sociais e viabilizando sua efetiva participação no mundo em que vive.

Conforme Morbidelli (2006), na linguagem escrita, há sempre uma preocupação com a excelência no conteúdo, além da preocupação sintática, quem está escrevendo procura corrigir os erros, que certamente, não seriam possíveis durante a linguagem oral. Independentemente de serem estabelecidas diferenças entre a oralidade e a escrita, e de alguns sujeitos utilizarem mais da oralidade ou mais da escrita, dependendo de suas histórias pessoais, entendemos que é por meio tanto da linguagem oral como da linguagem escrita que o homem tem acesso à informação, organiza, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, chamamos atenção para

a relevância de trabalhos com e pela linguagem para a promoção de saúde e para manutenção da qualidade de vida de pessoas que envelhecem. Afinal, a linguagem é essencial para promover a integração social do sujeito idoso, garantindo-lhe autonomia e dignidade.

Assumindo uma perspectiva na qual a integração da pessoa idosa colabora para um envelhecimento ativo e saudável, com qualidade de vida, entendemos que a linguagem assume papel fundamental no processo de envelhecimento. A linguagem, tanto oral como escrita, bem como as práticas de leitura, são importantes para que ocorra a inserção dos sujeitos em uma sociedade grafocêntrica como a nossa. Conforme Soares (2004), o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem num contexto social é chamado de letramento. O letramento é considerado o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. A própria autora cita que o letramento está intimamente ligado à maneira como a leitura e a escritura são concebidas e praticadas em determinado contexto social.

## Considerações Finais

Com o aumento da população idosa, a sociedade está sendo convocada a rever seus projetos sociais, políticos,

econômicos, culturais e educacionais. O envelhecimento saudável e ativo depende da efetiva inserção dos sujeitos que envelhecem em espaços sociais capazes de lhes garantir um lugar e uma posição de cidadão.

Os resultados dessa pesquisa indicam que atividades significativas com a oralidade, com a leitura e com a escrita alteraram as representações que os idosos, sujeitos dessa pesquisa, têm de si próprios como falantes e, também, como leitores e autores de textos. A participação deles em rodas de conversas possibilitou-lhes mais confiança e mais liberdade para falar. A leitura para e com o grupo, conforme relatos dos participantes, ampliou a visão que tinham sobre o envelhecimento. Já, a escrita de partes da sua história de vida, além de ter lhes possibilitado registrar suas narrativas para que outras gerações tomem conhecimento, aumentou-lhes a auto-estima e o respeito próprio. Assim, com e pela linguagem o próprio envelhecer deixou de ser encarado apenas como declínio e perdas, passando a ser concebido de forma mais positiva e produtiva.

Nesse sentido, entendemos ser imprescindível que políticas públicas comprometam-se, de forma efetiva, com a inserção dos sujeitos idosos na sociedade atual, concretizando ações que, privilegiando atividades com e pelas modalidades oral e escrita da linguagem, sejam capazes de promover um envelhecimento ativo, digno e bem-sucedido, pautado nos princípios de uma sociedade aberta a todas as idades.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOHN, H. I. e SOUZA, de O. Escrita e Cidadania. SOUZA, de O. *O texto nas atividades escolares, produção de conhecimento e autoria*. Florianópolis: Ed. Insular, 2003. p. 55-73.
- BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/). Acesso em 27 jan. 2012.
- BRASIL. Palácio do Planalto. Presidência da República. Política Nacional do Idoso. Decreto nº 1948, de 03 de julho de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/legislacao/decreto/D1948.htm>. Acesso em 11 nov. 2006.
- \_\_\_\_\_. Palácio do Planalto. Lei nº 10741 – de 01 de outubro de 2003 – Disponível em [http://www.planalto.gov.br/civil/leis/2003/l10741](http://www.planalto.gov.br/civil/leis/2003/l10741.htm). Acesso em 11 nov. 2006.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Portaria nº 2528 de 19 de outubro de 2006. <http://portal.saude.gov.br>. Acesso em 24 jan. 2012.
- CABRAL, G. *Envelhecimento Equipe Brasil Escola*. 2008. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/saude/envelhecimento.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2009.
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 22, p. 09-39, 1992.
- FREITAS, M. T. A. Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In Brait, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IBGE – 2010*. Disponível em [www.censo2010.ibge.gov.br](http://www.censo2010.ibge.gov.br). Acesso em 28 jan. 2012.
- LOURENÇO, R.C.C.; MASSI, G. *Linguagem e Velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento*. Curitiba: Juruá, 2011.
- MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. *Gerontologia*. São Paulo: Ed. Atheneu, 1996. p. 73-76.
- MORBIDELLI, J. D. Linguagem oral e Linguagem escrita - Publicado no recanto das letras em 31/01/2006. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/10643>>. Acesso em: 02 mai. 2009.
- MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. *Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

- MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10ª ed. São Paulo: Hucitec: 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento. *Segunda Assembléia Mundial sobre o envelhecimento*. Madri, 2002.
- SOARES, M. Letramento e escolarização. In: Ribeiro, Vera Masagão (org). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Editora Global, 2004. pp. 89-113.
- SOUZA FILHO, P.P.; MASSI, G.A.A. A influência da estrutura de um grupo na linguagem escrita de idosos: um estudo de caso. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. São Paulo, 2011, n. 16. pp. 350-355.
- PICHON, R. E. *Psicologia da vida cotidiana*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.
- ROTAVVA, L. A perspectiva dialógica na construção de sentidos em leitura e escrita, *Linguagem & Ensino*. v.2, n.2, p. 145-160, 1999.
- VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev Saúde Pública* 2009: 43(3): 548-54.
- ZIMERMAN, D.E. *Fundamentos Básicos das Grupoterapias*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2ª edição, 2000.